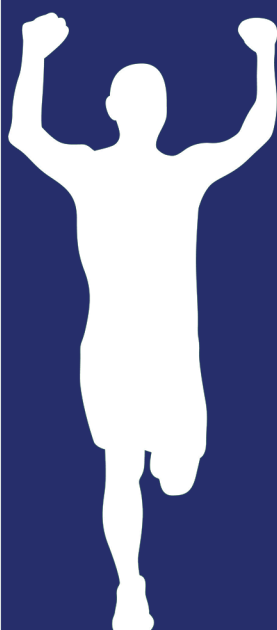


A EDUCAÇÃO FÍSICA COMO ÁREA DE INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA

Lucio Marques Vieira Souza
(Organizador)

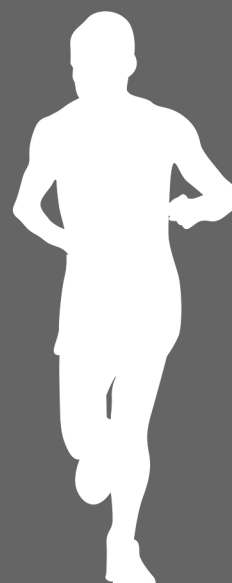
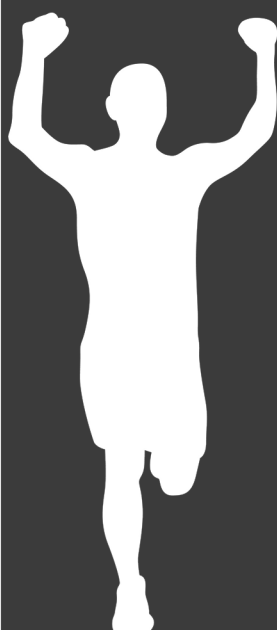
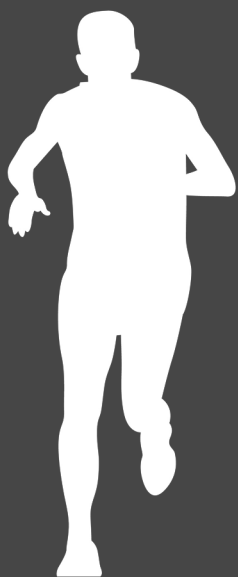


Atena
Editora

Ano 2020

A EDUCAÇÃO FÍSICA COMO ÁREA DE INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA

Lucio Marques Vieira Souza
(Organizador)



2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Geraldo Alves

Edição de Arte: Lorena Prestes

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros

Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice

Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador

Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Fernando José Guedes da Silva Júnior – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Prof^a Dr^a Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^a Dr^a Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof^a Dr^a Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof^a Dr^a Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof^a Dr^a Andrezza Miguel da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof^a Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof^a Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof^a Dr^a Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof^a Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Prof^a Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof^a Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof^a Dr^a Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Prof^a Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof^a Ma. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco

Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
 Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
 Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
 Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
 Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
 Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
 Prof. Me. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
 Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
 Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
 Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
 Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
 Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
 Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
 Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
 Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
 Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
 Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
E24	<p>A educação física como área de investigação científica [recurso eletrônico] / Organizador Lucio Marques Vieira Souza. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-65-5706-045-2 DOI 10.22533/at.ed.452201505</p> <p>1. Educação física – Pesquisa – Brasil. I. Souza, Lucio Marques Vieira.</p> <p style="text-align: right;">CDD 613.7</p>
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
 Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

É com imensa satisfação e responsabilidade que apresentamos a Coletânea “A Educação Física como Área de Investigação Científica” que reúne 23 artigos abordando vários tipos de pesquisas e metodologias que tiveram contribuições significativas de professores e acadêmicos das mais diversas instituições de Ensino Superior do Brasil.

O objetivo principal é apresentar os avanços e atualidades da área e para isto a obra foi dividida em 03 principais eixos temáticos: Educação Física Escolar do capítulo 1 ao 5; Esportes, Projetos e Educação Física Inclusiva, do capítulo 6 ao 13; e Atividade Física e Saúde, entre os capítulos 14 e 23. Estruturada desta forma a obra demonstra a pluralidade acadêmica e científica da Educação Física, bem como a sua importância para a sociedade.

Neste sentido, nos capítulos constam estudos que tratam de temas desde a influência do smartphone e da violência no contexto escolar, desenvolvimento e desempenho motor de crianças, esportes variados, sedentarismo, capacidades físicas, nível de qualidade de vida e atividade física em idosos ao tradicional treinamento resistido. Portanto, a presente obra contempla assuntos de importante relevância.

Agradecemos a Atena Editora que proporcionou que fosse real este momento e da mesma forma convidamos você Caro Leitor para embarcar na jornada fascinante rumo ao conhecimento.

Lucio Marques Vieira Souza

CAPÍTULO 1	1
A INFLUÊNCIA DO USO DO SMARTPHONE EM ESCOLARES: UM ESTUDO PILOTO	
Elaine Fernanda Dornelas de Souza Giovanna Santana Goes Sueyla Fernandes da Silva dos Santos Ismael Forte Freitas Júnior	
DOI 10.22533/at.ed.4522015051	
CAPÍTULO 2	16
CORRELAÇÃO ENTRE A IDADE CRONOLÓGICA, O ESTADO MOTOR E DESEMPENHO DO SALTO VERTICAL DE CRIANÇAS EM IDADE ESCOLAR	
Jomilto Luiz Praxedes dos Santos Sergio Medeiros Pinto Igor da Silveira Carvalho Tainá de Sousa Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.4522015052	
CAPÍTULO 3	25
EDUCAÇÃO FÍSICA E SAÚDE NA ESCOLA: BENEFÍCIOS PARA CRIANÇAS E ADOLESCENTES DO FUNDAMENTAL	
Maria Eduarda da Silva Wellington Manoel da Silva José Aryelson dos Santos da Silva Josenilson Felix da Silva Thuani Lamenha Costa Geraldo José Santos Oliveira Thais Roberta da Cruz Tavares Mayara Joana Mendonça da Silva Elaine Rufino Barbosa da Silva Gabriela Maria da Silva Lívia Maria de Lima Leoncio Gilberto Ramos Vieira	
DOI 10.22533/at.ed.4522015053	
CAPÍTULO 4	28
ESTÁGIO E A FORMAÇÃO DOCENTE: A IMPORTÂNCIA DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL	
Gilberto Ramos Vieira Haroldo Moraes de Figueiredo Iberê Caldas Souza Leão Viktor Hugo Cavalcanti Correia Fagner Lucas Borba Guerreiro Myllison Silas Ferreira dos Santos Milena de Lima Moura Bruno Tavares Félix do Nascimento Wesllen Mneclisis Silva de Oliveira Nataly do Nascimento Silva Ítalo Vinícius Tabosa Guimarães Matias Maria Isadora Vilarim de Alencar Pires	
DOI 10.22533/at.ed.4522015054	

CAPÍTULO 5 39

RELAÇÃO ENTRE MATURAÇÃO SEXUAL E MEDIDAS DE DIMENSÃO CORPORAL COM APTIDÃO FÍSICA RELACIONADA A SAÚDE EM ESCOLARES

Hugo Martins Teixeira
Marlene Aparecida Moreno

DOI 10.22533/at.ed.4522015055

ESPORTES, PROJETOS E EDUCAÇÃO FÍSICA INCLUSIVA

CAPÍTULO 6 55

DANÇANDO NO ESCURO: ATIVIDADES RÍTMICAS E EXPRESSIVAS PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL

Súsel Fernanda Lopes
Suelen Cristina Cordeiro

DOI 10.22533/at.ed.4522015056

CAPÍTULO 7 68

LUTAS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: A PERCEPÇÃO DE PROFESSORES

Fabricio Xavier do Carmo
José Antonio Vianna

DOI 10.22533/at.ed.4522015057

CAPÍTULO 8 78

O CIRCO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: UMA EXPERIÊNCIA NA CIDADE DE GOIÂNIA

Lívia Vaz Soares
Michelle Ferreira de Oliveira

DOI 10.22533/at.ed.4522015058

CAPÍTULO 9 87

O EFEITO DA GINÁSTICA ARTÍSTICA SOBRE OS ASPECTOS PSICOMOTORES EM CRIANÇAS DE 5 A 6 ANOS

Maria Eduarda Bezerra de Sá
Thalya Wendy Aguiar Barbosa
Renato de Vasconcellos Farjalla
Ricardo Gonçalves Cordeiro.

DOI 10.22533/at.ed.4522015059

CAPÍTULO 10 96

POLÍTICAS PÚBLICAS INCLUSIVAS NO ESPORTE DE BASE PARA CRIANÇAS E ADOLESCENTES COM DEFICIÊNCIA: O CASO DE SÃO BERNARDO DO CAMPO

Rodrigo Roah Rodrigues

DOI 10.22533/at.ed.45220150510

CAPÍTULO 11 126

PRODUÇÕES CULTURAIS DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES NO PROJETO BRINCAR É O MELHOR REMÉDIO

André da Silva Mello
Emmily Rodrigues Galvão

Luciene Sales Sena
Luísa Helmer Trindade
Sara de Paula Couto Bertolo
Sílvia Neves Zouain

DOI 10.22533/at.ed.45220150511

CAPÍTULO 12 139

PROGRAMA MINI-TÊNIS PARA CRIANÇAS E ADOLESCENTES

Flávia Évelin Bandeira Lima
Mariane Aparecida Coco
Walcir Ferreira Lima
Vitória Gabrielly Ribeiro
Fellipe Bandeira Lima
Amanda Santos
Mariane Lamin Francisquinho
Diego Freitas do Nascimento
Sílvia Bandeira da Silva Lima

DOI 10.22533/at.ed.45220150512

CAPÍTULO 13 148

PROJETO DE ATIVIDADES AQUÁTICAS (PRÓ-AQUÁTICA)

Aryanne Hydeko Fukuoka Bueno
Sílvia Bandeira da Silva Lima
Flávia Évelin Bandeira Lima
Andreza Marim do Nascimento
Aline Gomes Correia
Matheus de Paula Bandeira e Silva
Marcela Elânia Alves Corrêa
Matheus Felipe Sosnitzki da Silva Félix
Walcir Ferreira Lima

DOI 10.22533/at.ed.45220150513

CAPÍTULO 14 153

AS CAPACIDADES FÍSICAS NECESSÁRIAS PARA O TRABALHO POLICIAL: UM ESTUDO NA POLÍCIA MILITAR DO PARANÁ

Ronaldo César Falq Chinatto
Rafael Gomes Sentone

DOI 10.22533/at.ed.45220150514

ATIVIDADE FÍSICA E SAÚDE

CAPÍTULO 15 169

ATIVIDADES COM IDOSOS INSTITUCIONALIZADOS: UM OLHAR SOBRE AS CONTRIBUIÇÕES DA EDUCAÇÃO FÍSICA

Ariane Capela Mendes
Suelen Suane Bezerra Resque
Patrícia do Socorro Chaves de Araújo

DOI 10.22533/at.ed.45220150515

CAPÍTULO 16 182

ATIVIDADES FÍSICAS RELAÇÕES COM A EVOLUÇÃO HUMANA E PROCESSOS ADAPTATIVOS DO CORPO HUMANO

Célio Roberto Santos de Souza

Kátia Silene Silva Souza
Almir de França Ferraz
Álvaro Adolfo Duarte Alberto
Maria Luiza de Jesus Miranda
Eliane Florêncio Gama
Aylton José Figueira Junior

DOI 10.22533/at.ed.45220150516

CAPÍTULO 17 192

**CORRELAÇÃO ENTRE A PRÁTICA DE EXERCÍCIO FÍSICO E A PREVALÊNCIA DE
DESCONFORTO/DOR EM AGENTES DE COMBATE A ENDEMIAS DE GUANAMBI-
BA**

Janne Jéssica Souza Alves
Suelen Oliveira
Paula Keeturyn Silva Santos

DOI 10.22533/at.ed.45220150517

CAPÍTULO 18 202

INVESTIGAÇÃO DA ATIVIDADE FÍSICA E DO ZUMBIDO EM INDIVÍDUOS IDOSOS

Jessica Aparecida Bazoni
Luciana Lozza de Moraes Marchiori
Karina Couto Furlanetto

DOI 10.22533/at.ed.45220150518

CAPÍTULO 19 216

**NÍVEL DE QUALIDADE DE VIDA QUANTO A CAPACIDADE FUNCIONAL E A
PRÁTICA DE ATIVIDADE FÍSICA NA TERCEIRA IDADE**

Flávia Évelin Bandeira Lima
Vitória Gabrielly Ribeiro
Sílvia Bandeira da Silva Lima
Mariane Aparecida Coco
Fellipe Bandeira Lima
Amanda Santos
Mariane Lamin Francisquinho
Diego Freitas do Nascimento
Walcir Ferreira Lima

DOI 10.22533/at.ed.45220150519

CAPÍTULO 20 229

**RODA DE TAMBOR QUILOMBOLAS E SUA RELAÇÃO COM A RESISTÊNCIA
MUSCULAR**

Vivianne Carvalho Moura
Patrícia Ribeiro Vicente
Luciano Silva Figueirêdo
Janaína Alvarenga Aragão
Juliana Barbosa Dias Maia
Ermínia Medeiros Macêdo
Saara Jane Santos Batista Lustosa
Patrícia Maria Santos Batista
Verônica Lourdes Lima Batista Maia
Evandro Alberto de Sousa
Igor Alcenor Granja de Moura

CAPÍTULO 21 241

SEDENTARISMO: ÍNDICE PRESENTE ENTRE GRADUANDOS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

José Cícero Cabral de Lima Júnior
Keila Teixeira da Silva
Eugênio Lívio Teixeira Pinheiro
Lidiane dos Santos Fernandes
João Marcos Pereira de Castro
Igor Leandro Rodrigues Monteiro
César Iúryk Biserra Silva
Sílvia Leticia Ferreira Pinheiro
Rafaella Bezerra Pinheiro
Yarlon Wagner da Silva Teixeira
Andreza Dantas Ribeiro Macedo
Sheron Maria Silva Santos

DOI 10.22533/at.ed.45220150521

CAPÍTULO 22 253

TREINAMENTO RESISTIDO X ENVELHECIMENTO

Danieli Tefili Rossa
Jéssica Pinheiro
Lia Mara Wibelinger

DOI 10.22533/at.ed.45220150522

CAPÍTULO 23 261

A VIOLÊNCIA NO CONTEXTO ESCOLAR: UM ESTUDO DE CASO EM UMA ESCOLA PÚBLICA DO ESTADO DE GOIÁS

Leandro Jorge Duclos da Costa
Cristiane Jesus Fróes Arantes
Larissa de Oliveira e Ferreira
Paola Batista Paranaíba
Roner Soares da Silva
Alexsander Augusto da Silveira

DOI 10.22533/at.ed.45220150523

SOBRE O ORGANIZADOR..... 273

ÍNDICE REMISSIVO 274

RODA DE TAMBOR QUILOMBOLAS E SUA RELAÇÃO COM A RESISTÊNCIA MUSCULAR

Data de aceite: 06/05/2020

Vivianne Carvalho Moura

Patrícia Ribeiro Vicente

Luciano Silva Figueirêdo

Janaína Alvarenga Aragão

Juliana Barbosa Dias Maia

Ermínia Medeiros Macêdo

Saara Jane Santos Batista Lustosa

Patrícia Maria Santos Batista

Verônica Lourdes Lima Batista Maia

Evandro Alberto de Sousa

Igor Alcenor Granja de Moura

Edênia Raquel Barros Bezerra de Moura

RESUMO: Os quilombolas no período colonial, eram os escravos rebeldes. Eles se localizavam em algumas terras ocupadas para garantia de sua própria sobrevivência, e com os espaços para a prática do culto religioso. Na Umbanda, os rituais de rodas de tambor eles se manifestam aos seus orixás e seus guias espirituais, expressando sua adoração e dançando em forma de gira ao culto direcionado a cada orixá. Suas práticas rituais envolvem-se ao conceito de atividade física (AF), pois apresentam fortes características rítmicas de danças. Por ser uma atividade de longa duração e contínua, podendo durar de 1 a 3 horas, diversas capacidades físicas são

utilizadas dentro dos rituais de roda de tambor, sendo uma delas a resistência muscular. Nesta perspectiva, este estudo objetivou relacionar a influência da prática de rodas de tambor de Umbanda com a resistência muscular de praticantes e não praticantes destes rituais, nas comunidades quilombolas em Paquetá – PI. O estudo envolveu 30 adultos sendo 18 mulheres e 12 homens, entre 18 a 56 anos de idade, divididos em 02 grupos: 10 não praticantes e 20 praticantes. Para coleta de dados foram utilizados 01 questionário sócio demográfico, 01 questionário sobre o desenvolvimento das rodas de tambor e os testes de maior número de flexão e abdominal durante um minuto para avaliação da resistência muscular. O grupo praticante do ritual em estudo apresentou melhor índice da resistência muscular em relação aos não praticantes. Torna-se evidente que mesmo quando a AF é desenvolvida sem pretensão de saúde a mesma será advinda, visto que os participantes da roda de tambor obtiveram melhores resultados a resistência muscular. A perspectiva se dá a entender a roda de tambor como um elemento de uma prática tradicional da cultura quilombola e sua relação com a atividade física, no tocante a resistência muscular para uma melhor qualidade de vida, porém a falta de estudos ainda é grande dentro nessa temática.

PALAVRAS-CHAVE:

Comunidades

QUILOMBOLAS DRUM WHEEL AND ITS RELATION TO RESISTANCE MUSCLE

ABSTRACT: Quilombolas in the colonial period were rebellious slaves. They were located in some occupied lands to guarantee their own survival, and with spaces for the practice of religious worship. In Umbanda, the drum wheel rituals are manifested to their orixás and their spiritual guides, expressing their adoration and dancing in a touring way to the worship directed at each orixá. Their ritual practices involve the concept of physical activity (PA), as they present strong rhythmic characteristics of dances. Because it is a long-lasting and continuous activity, and can last from 1 to 3 hours, several physical capacities are used within the drum wheel rituals, one of which is muscular endurance. In this perspective, this study aimed to relate the influence of the practice of Umbanda drum wheels with the muscular resistance of practitioners and non-practitioners of these rituals, in the quilombola communities in Paquetá - PI. The study involved 30 adults, 18 women and 12 men, between 18 and 56 years of age, divided into 02 groups: 10 non-practitioners and 20 practitioners. For data collection, 01 socio-demographic questionnaire, 01 questionnaire on the development of the drum wheels and the tests with the greatest number of flexion and abdominal tests during one minute were used to assess muscle resistance. The group that practiced the ritual under study had a better index of muscular resistance compared to non-practitioners. It is evident that even when PA is developed without any pretense of health, it will come, since the participants of the drum wheel had better results in muscular endurance. The perspective is to understand the drum wheel as an element of a traditional practice of quilombola culture and its relationship with physical activity, with regard to muscular endurance for a better quality of life, however the lack of studies is still great within this thematic.

KEYWORDS: Traditional Communities. Religious manifestations. Physical activity.

1 | INTRODUÇÃO

Considerado remanescente das comunidades dos quilombos, os grupos étnico raciais, que se atribuem com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra sendo relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida. As terras ocupadas por remanescentes das comunidades de quilombos são utilizadas para garantir sua sobrevivência, como a reprodução física, social econômica e cultural, bem como a preservação de seus costumes, tradições, cultura e lazer, inclusive com os espaços destinados aos cultos religiosos (CONAQ, 2010; FREITAS *et al.*, 2010).

A Umbanda é chamada de “a religião brasileira” por excelência, num sincretismo que reúne o catolicismo branco, a tradição dos orixás da vertente negra e símbolos e os espíritos de inspiração indígena, contemplando as três fontes básicas do Brasil

mestiço. Uma marcante característica dos quilombos é a sua diversidade quanto às suas religiões, ditas como afro-brasileiras, as quais recebem nomes conforme a região, ou forma como são praticadas, por exemplo, em Pernambuco há o xangô, no Maranhão o tambor-de-mina, no Rio Grande do Sul o tabaque, entre outras denominações que são reunidas pelo censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) como uma só religião: o candomblé (PRANDI, 2003).

As comunidades quilombolas Piauienses, especificadamente no centro sul do Piauí, localizadas nos municípios de Picos, Paquetá, Alagoinhas do Piauí e São João da Varjota exercem algumas práticas para garantia da subsistência, como agricultura e o artesanato, além de procurarem outros recursos, como o bolsa família, ou sair de suas terras em busca de trabalho, principalmente em épocas de seca, por serem uma população totalmente ativa sempre buscando uma vida melhor e com isso se tornam mais saudáveis, como por exemplo, na prevenção de doenças cardíacas (ARAGÃO; BÓS; SOUZA, 2014).

De acordo com a OMS, a atividade física é uma das formas de retardar o desenvolvimento das doenças crônicas não transmissíveis (DCNT). Diferentes países, sensibilizados quanto à necessidade emergencial de se modificar o estilo de vida sedentário passaram a promover a prática da atividade física regular, a fim de proporcionar maior qualidade de vida.

Segundo Mathews e Fox (1983), o treinamento neuromuscular propicia um quadro de alterações nas fibras musculares, como o aumento nas concentrações de creatina muscular (39%), ATP (18%) e glicogênio (66%), além das atividades enzimáticas glicolíticas e adaptações no sistema nervoso, que resultam em mudanças no padrão de recrutamento de unidades motoras. Essas alterações dependerão da intensidade e especificidade do treinamento, já que para Gobbi, Villar e Zago (2005) resistência motora é o componente da capacidade funcional que realiza movimentos durante um determinado intervalo de tempo sem perdas significativas na qualidade da execução, prolongando o tempo de execução até o surgimento dos sintomas e sinais de fadiga.

O termo resistência possui um conceito universal, de acordo com autores diferentes, Weineck (2000), define resistência como “a capacidade geral psicofísica de tolerância à fadiga em sobrecargas de longa duração, bem como a capacidade de uma rápida recuperação após estas sobrecargas”. Existindo assim, como existem cinco tipos de resistências: Resistência localizada aeróbica, Resistência aeróbia, Resistência anaeróbia, Resistência localizada anaeróbia e Resistência especial.

Por ser uma atividade de longa duração e contínua, podendo durar de 1 a 3 horas, diversas capacidades físicas são utilizadas dentro dos rituais de roda de tambor. Os participantes podem permanecer em um esforço de intensidade que vai de moderada a longa duração com um consumo considerável de oxigênio, como

podem permanecer em um trabalho de intensidade máxima ou submáxima com baixa quantidade de oxigênio por um tempo inferior a 3 minutos ou exigir menos de $1/6 - 1/7$ da musculatura e possuir intensidade elevada.

A motivação para realização da presente proposta se dá na perspectiva de entender a roda de tambor como um elemento de uma prática tradicional da cultura quilombola e sua relação com a Educação Física, no tocante a resistência muscular para uma melhor qualidade de vida, pois a falta de estudos ainda é grande dentro nessa temática. Assim o objetivo da pesquisa foi identificar a resistência muscular de adultos praticantes e não praticantes das Rodas de Tambor da Umbanda, de comunidades quilombolas em Paquetá - PI.

2 | METODOLOGIA

A pesquisa foi realizada na área territorial correspondente ao Município de Paquetá – PI, situado a 25 km a Sul-Oeste de Picos, cidade da qual foi desmembrado pela Lei Estadual nº 4680, de 26-01-1994, sendo elevado à categoria de município e distrito (IBGE, 2016). Paquetá acolhe uma população de 4.117 habitantes de acordo com o censo realizado em 2010, com estimativa populacional para 2018 de 3.893 habitantes (IBGE, 2018). O município se estende por 442,681 km², e sua densidade demográfica é de 9,25 habitantes por km² em território, tendo proximidade dos municípios de Santa Cruz do Piauí e Dom Expedito Lopes.

Paquetá-PI, assim como grande parte dos municípios piauienses, possui um número considerável de habitantes na zona rural, onde se concentram remanescentes quilombolas e praticantes de religiões de matriz africana, a exemplo da Comunidade Custaneira, Canabrava e Tronco, na Zona Rural do Município de Paquetá-PI, no qual serão aplicados os questionários que irão subsidiar a presente pesquisa.

A cultura quilombola ainda permanece como os seus remanescentes com seus hábitos e costumes vindos de uma cultura rica e muito admirável, onde muitos, até os dias atuais ainda produzem o que era feito pelos seus antepassados. Entre as atividades de subsistência da comunidade destacam-se: a caça de animais silvestres, extrativismo de mel e vegetal em carnaúbas e, sobretudo, com atividades de cultivo de milho, feijão, arroz, algodão, macaxeiras, mandioca, cana-de-açúcar, gergelim, abóboras, melancias, caju, fruteiras regionais, além de criação de pequenos animais (porcos, galinhas, ovelhas e bodes).

Trata-se de uma pesquisa Básica, descritiva, no qual foi realizado levantamento de dados através de abordagem qualitativa-quantitativa (GIL, 1999). O estudo foi realizado no período de agosto a setembro de 2019. No qual, contou com a participação de 30 pessoas componentes das famílias cadastradas nas associações

das comunidades quilombolas Custaneira, Canabrava e Tronco, sendo 18 mulheres e 12 homens, com idade superior a 18 anos possuindo capacidade cognitiva preservada. Antes de iniciar a coleta de dados na comunidade, teve uma reunião para apresentação prévia do projeto de pesquisa junto às lideranças quilombolas e a população, e em seguida confeccionada/assinada a carta de anuência.

A pesquisa foi constituída em duas etapas, sendo a primeira por meio de entrevistas junto à comunidade com o intuito de conhecer aspectos sociodemográficos, antropometria, dados de resistência muscular e práticas de danças de roda de tambor. O formulário utilizado foi do tipo semiestruturado, elaborado pela pesquisadora. No que diz respeito a segunda etapa, foi realizada a coleta dos dados antropométricos com o auxílio de uma balança antropométrica digital e estadiômetro portátil. Sendo aferidos o peso e a estatura das participantes. Após a conferência e instalação da balança em um piso plano, o estadiômetro foi posicionado numa parede limpa e plana. O participante subiu na balança, se posicionando em pé, com a postura correta para a conferência do peso. Para a estatura, o pesquisador posicionou o participante em pé e de costas para o estadiômetro, em seguida ambas foram anotadas no formulário conforme a descrição no Manual de Orientações para a coleta e análise de dados antropométricos em serviços de saúde: Norma Técnica do Sistema de Vigilância Alimentar e Nutricional - SISVAN (BRASIL, 2011).

A realização dos testes de resistência muscular procedera com dois testes de Pollock e Wilmore (1993), o de flexão de braço e o maior número de abdominais, ambos realizados durante 1 minuto. O teste da resistência abdominal consistiu no maior número de execuções realizadas em 1 minuto onde o participante se posicionou sobre um colchonete estando inicialmente em decúbito dorsal, com os joelhos flexionados a 90 graus e com os braços cruzados sobre o tórax. O pesquisador fixou os pés do mesmo ao solo, que ao sinal iniciou os movimentos de flexão do tronco até tocar com os cotovelos nas coxas e retornando à posição inicial. O movimento foi repetido numa velocidade rápida, quantas vezes forem necessárias durante 1 minuto (não sendo necessário tocar a cabeça no colchonete a cada execução).

Para verificar a resistência muscular dos membros superiores, foi realizado o teste de flexão de braço, em ambos os gêneros. Quando aplicado em homens, foi iniciado em quatro apoios, com as mãos, apontando para baixo, alinhadas com os ombros, costas retas durante toda a execução, cabeça para cima, apoiado sobre os dedos dos pés. Para as mulheres a posição foi modificada para seis apoios, pois fisiologicamente as mulheres tem menos força que os homens. As pernas estavam juntas, em contato com o colchonete, tornozelos flexionados plantarmente, utilizando os joelhos como ponto de apoio principal, tronco e membros superiores conforme anteriormente descrito. Ao sinal do pesquisador, a participante ergueu o tronco, estendendo os cotovelos por completo e retornando à posição inicial, até

que o queixo tocasse o solo, sem contato do abdômen com o mesmo. O teste teve duração de 1 minuto realizando o máximo de repetições de acordo com os limites físicos do participante.

O perfil antropométrico foi obtido através do Índice de Massa Corporal (IMC), conforme parâmetro definido pelo Ministério da Saúde para a população adulta, seguindo a classificação abaixo (BRASIL, 2011): IMC <18,5 – Baixo Peso; IMC \geq 18,5 e <24,9 - Adequado ou Eutrófico; IMC \geq 25 e < 29,9– Sobrepeso; IMC \geq 30 – Obesidade. Os resultados obtidos através do número máximo de repetições de abdominais foram classificados conforme a metodologia proposta por Pollock e Wilmore (1993). Em seguida, os resultados obtidos através do número de flexões foram classificados também conforme a metodologia proposta por Pollock e Wilmore (1993) conforme a quadro a seguir: Para cada integrante da pesquisa foi realizada a leitura do Termo de Consentimento Livre Esclarecido (APENDICE B), elaborado com base na Resolução nº 196/96 do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde.

3 | RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados coletados mostraram prevalência de 60% pessoas do sexo feminino (18 mulheres) com faixa etária entre 19 e 56 anos, e 40% do sexo masculino (12 homens) com idade entre 18 e 56 anos. Em relação com um estudo realizado em uma comunidade do norte brasileiro, também se verificou no estudo de Melo e Silva (2015), a prevalência do número de mulheres em comunidades quilombolas com 65,5% e 34,4% de homens. Prates *et al.* (2016) afirmam que inicialmente, a mulher negra tradicionalmente encontra-se abaixo da linha da pobreza, com dificuldades de inserção no mercado de trabalho, em situação de analfabetismo, chefiando famílias sem cônjuge e com muitos filhos.

No que diz respeito ao estado civil 63,3% dos entrevistados eram casados, 33,3% solteiros e 3,33% viúvos. Em Aragão (2014), foi apontado a prevalência de participantes 75,3% casados, 11,6% solteiros e 13,1% viúvos. Tal explicação pode estar representada no estudo de Vendramini (2015), onde diz que no interior e em comunidades rurais ainda é muito forte a ideia da constituição familiar tradicional o casamento é uma categoria cultural de fundamental importância.

Considerando os praticantes e não praticantes da roda de tambor, foram obtidos os resultados de 70% praticantes e 30% não praticantes. No sexo masculino 66,67% eram praticantes e 33,33% não participavam da roda de tambor. Já no sexo feminino 72,22% são praticantes, enquanto 27,77% não praticam. Furtado e Sousa (2013), afirmam que nas comunidades quilombolas espalhadas pelo Brasil, a sabedoria é passada de geração para geração, pois eles tem uma grande preocupação em

repassar os seus conhecimentos, se fazendo presente na culinária, nas fábulas contadas pelo mais velhos, na forma de garantir o sustento da família e nas próprias manifestações culturais através da dança de origem Afro que são ritmos que valorizam a descendência negra, praticadas desde a época de senzalas.

Em relação à prática das Rodas de Tambor de Umbanda, foram entrevistados 20 (66,67%) praticantes, sendo o questionário voltado à forma de execução desses rituais. A questão 01 tinha a seguinte pergunta: *Por qual motivo você participa/pratica as rodas de tambor de umbanda?* A maior categoria atingida foi “Tradição cultural” tendo taxa percentual do total de 60% e a segunda maior taxa “Eu gosto” com total de 40%. Quanto ao tempo de prática os maiores percentuais obtidos foram de “outra: mais de um ano”, com percentual total de 100%. Em relação à duração dos rituais 40% do total responderam participar durante 03 horas, 53% oscilaram entre 04 e 06 horas, e apenas 07% relatou praticar entre 40 min, sendo que 100% da amostra assinalou pratica-lo no turno noturno e acreditam receber benefícios à saúde advindos dessa prática. Também foi feita a seguinte pergunta: *Você pratica alguma outra atividade física? Se sim, qual?* Apresentou que 45% dos entrevistados não praticam outra atividade física além da roda de tambor, 25% praticam o futebol rotineiramente e apenas 10% desenvolve algum outro exercício físico, como dança ou musculação.

O Índice de Massa Corporal (IMC) entre os praticantes e não-praticantes da roda de tambor obteve um resultado satisfatório. Observou-se que 62,50% dos participantes obtiveram classificação normal, sendo 25% com sobrepeso e 12,50% com obesidade grau I. Nos não-praticantes o resultado foi 50% para normal e 50% para sobrepeso. Quando comparado ao estudo de Soares e Barreto (2014), com comunidades quilombolas, os homens obtiveram taxas de 65,8% normal, 27,2% sobrepeso e 2,6% com obesidade. Para tal justificativa, Santos (2014), afirma que uma das atividades cotidianas comum principalmente entre os homens das comunidades citadas é a agricultura sustentável, onde o ato de plantar, colher, preparar a terra, juntamente com a utilização de ferramentas como enxada, exigem maior empenho físico. Moura (2018), contribui com tal afirmativa quando diz que os quilombolas desenvolvem maiores valências físicas como: força, resistência muscular e cardiorrespiratória.

Os resultados do sexo feminino de praticantes da roda de tambor obtiveram em sua classificação do IMC 50% normal, 41,67% para sobrepeso e 16,67% com obesidade grau I. Já as não-praticantes da roda de tambor, apresentaram 50% normal, 33,33% com sobrepeso e 16,67% com obesidade grau I. Araújo (2000), justifica que as atividades cotidianas que as mulheres realizam desenvolvem valências físicas assim como os homens, porém, os homens exercem um trabalho físico intenso, com baixo apoio tecnológico e, portanto, alto dispêndio energético, dificultando o

aumento dos índices.

No estudo de Soares (2014), as mulheres estão com 43,5% com o índice normal, 35,8% com sobrepeso e 16,7% com obesidade. Os dados mostram que a predominância no índice é a classificação normal tanto nos homens quanto nas mulheres, no entanto sobrepeso e a obesidade grau I, tem maior relevância nas mulheres. Cordovil e Almeida (2018), colaboram com o resultado quando afirmam que as mulheres são as principais responsáveis pelas atividades domésticas, assim, sendo menor esforço físico e gasto calórico, que pode potencializar o acúmulo de gordura corporal.

Outra questão que se deve levar em consideração é a cor negra, já que Barbosa *et al.* (2010) ao estudar essa população verificou que entre os homens a cor da pele foi um fator satisfatório para a classificação do IMC, enquanto para as mulheres tende a ser um fator de risco. Catib *et al.* (2008), afirmam que além das suas atividades do dia a dia, ainda praticam a roda de tambor, que é uma atividade física que está inserida na dança, sendo características de suas origens.

No que diz respeito ao Índice Cintura-Quadril (ICQ), entre os praticantes do sexo masculino 62,50% foram classificados como moderado, 25% alto e 12,50% como baixo. Nos não-praticantes foram apresentados resultados de 50% moderado e 50% alto. No sexo feminino a classificação ficou com 58,33% muito alto e 41,67% como alto para as praticantes, já para as não-praticantes obtiveram 66,67% muito alto e 33,33% alto. No estudo de Velten *et al.* (2014), com comunidades quilombolas, o maior índice foi de 86% com o risco de moderado a muito alto, 66% para baixo, moderado ou alto e 58% para risco alto ou muito alto.

Afonso (2002), afirma que desde a década de 70 o ICQ, independentemente do grau de sobrepeso, o excesso de gordura abdominal pode ser avaliado através da razão das medidas de cintura e quadril, sendo este importante avaliador de fator de risco para várias doenças crônicas não-transmissíveis. Principalmente com mulheres, o risco pode ainda ser maior onde Lima e Glaner (2006), abordaram que o tecido adiposo acumulado na região abdominal também se deposita nas vísceras, o qual tem uma associação com complicações metabólicas e anormalidades de fatores humorais, que regulam as quantidades circulantes de glicose, insulina e lipídios. Consequentemente, quanto maiores os estoques de gordura visceral, maiores os riscos de possíveis doenças cardíacas. Machado e Sichieri (2002), reforçam o presente resultado ao afirmarem que a gordura localizada no abdômen é fator de risco para doenças cardiovasculares, diabetes mellitus e alguns tipos de cânceres. Silva (2010), apresenta no seu estudo realizado com mulheres quilombolas a prevalência de 56,3% de risco alto para suscetibilidade a doenças cardiovasculares.

O teste de resistência abdominal entre os homens praticantes mostrou o desempenho classificado como 50% fraco, 25% bom e 25% ótimo. Os não

praticantes do mesmo sexo apresentaram resultado de 50% para ótimo, 25% para médio e 25% fraco. Já no sexo feminino as praticantes obtiveram 83,34% para fraco e 8,33% para bom e 8,33% médio. As não-praticantes foram classificadas em 83,33% fraco e 16,67% médio, constatando, a partir de tais resultados, que o maior índice na resistência abdominal foi do sexo masculino não-praticantes da roda de tambor. Andreasi *et al*(2010), afirmam que através da análise dos dados verifica-se a influência negativa da resistência abdominal no comparativo entre os praticantes e não praticantes da roda de tambor, podendo ter influência direta com os resultados do Índice Cintura-Quadril (ICQ), pois se o risco está alto ou muito alto, significa que a circunferência abdominal e de quadril está elevada, podendo dificultar a realização dos abdominais.

Freitas (2014), afirma que a respeito da resistência abdominal, que os resultados insatisfatórios podem ser explicados pelo fato de tanto os homens quanto as mulheres tendem a perder área de musculatura da secção transversa total do abdômen que pode chegar a 10% entre 24 e 50 anos devido ao processo de envelhecimento. Nieman (1995), afirma que a baixa aptidão nesse componente pode ser considerada um risco, pois, à medida que a idade avança, os riscos de lesões aumentam.

Quando comparado ao estudo de Sousa (2015), feito com uma comunidade indígena, também considerada população tradicional, o teste de resistência abdominal as mulheres tiveram 41,1% classificado como fraco; 23,5% para médio e 11,7% para abaixo da média, acima da média e excelente. O que consta que o desempenho das mulheres foi melhor do que o presente estudo, pois neste não obteve nenhum índice excelente, o índice que vai diferenciar das praticantes é que teve uma classificação de boa, apesar de maioria ser classificado como fraco, tanto nas praticantes como nas não-praticantes da roda de tambor.

Pitanga e Lessa (2007), demonstraram que o ICQ é mais apropriado do que o IMC para discriminação dos riscos de doenças cardiovasculares. Lakka *et al.* (2001), citam que a obesidade abdominal está diretamente ligada à gordura visceral, a qual, por sua vez, é um indicador de efeitos metabólicos desfavoráveis.

Os testes de flexão de braço dos praticantes do sexo masculino ficaram com 50% abaixo da média, 37,50% na média e 12,50% sendo excelente. Nos não praticantes os resultados foram de 25% para todas as classificações: excelente, acima da média, abaixo da média e ruim. As praticantes do sexo feminino ficaram com 66,67% acima da média e 8,33% classificados como na excelente, média, abaixo da média e ruim, e as não-praticantes ficaram com 83,33% acima da média e 16,67% na média.

Quando comparado o teste de flexão de braço com indígenas, o estudo de Dias *et al.* (2008) mostra que no sexo feminino 57,9% classificou-se como excelente, 15,8% como acima da média; 10,5% na média e apenas 15,8% fraco; diferenciando do presente estudo, onde apenas 12,50% foi classificado como excelente das

praticantes da roda de tambor. No mesmo estudo, entre os homens o resultado de 19,1% excelente; 25% acima da média; 29,4% médio; 20,5% abaixo da média e 5,9% fraco. Bezerra *et al.* (2015), afirmam que as atividades domésticas e de deslocamento podem se sobrepôr ao domínio do trabalho, já que a principal ocupação dessa população é o trabalho na lavoura, seguida do serviço doméstico, que exige o uso da força física, a qual está relacionada às tarefas cotidianas do domicílio, atividades estas compatíveis às exercidas por comunidades quilombolas.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

A relação da resistência muscular de adultos praticantes de rodas de tambor de Umbanda apresentou melhor índice do que os não praticantes, evidenciando que a atividade física proporciona benefícios à saúde das pessoas ativas, visto que mesmo em meio a uma manifestação religiosa, através de simples movimentos ritualísticos, o organismo sofre adaptações que melhoram seu condicionamento físico, mental e social.

O contexto estudado demonstra a necessidade de se implementarem ações no sentido de incentivar mais a prática da atividade física dos que já praticam e a iniciação da prática dos que não praticam a roda de tambor ou fazem qualquer outra atividade física, pois com a realização da mesma, acontecerá uma melhora tanto no IMC e no ICQ, fatores determinantes para mensuração da obesidade e o risco de doenças cardiovasculares.

Esse estudo trouxe, de forma pioneira, informações quantitativas e qualitativas acerca da condição física de quilombolas relacionada com a prática da atividade física nos praticantes e não-praticantes da roda de tambor. Recomenda-se aprofundar pesquisas com esse desenho em populações quilombolas utilizando os mesmos critérios, pois, na literatura, são poucos os estudos desenvolvidos sobre resistência muscular nestas comunidades, principalmente que envolvam religiosidade associada à atividade física, pois, será possível conhecer e analisar outras práticas religiosas, que venham a nortear os próprios praticantes sobre os impactos positivos desses rituais na saúde e qualidade de vida.

REFERÊNCIAS

AFONSO, F.M. Associação do índice de massa corporal e da relação cintura/ quadril com hospitalizações em adultos do Município do Rio de Janeiro, RJ. **Rev. Bras.**

ARAGÃO, J. A.; BOS, A. J. G.; SOUZA, G. C. Síndrome metabólica em adultos e idosos de comunidades quilombolas do centro-sul do Piauí, Brasil. **Estud. interdiscipl. envelhec.** Porto Alegre, v. 19, n. 2, p. 501-512, 2014.

- ARAÚJO, D. S. M. S.; ARAÚJO, C. G. S. Aptidão física, saúde e qualidade de vida relacionada à saúde em adultos. **Rev. Bras. Med. Esporte**, v. 6, n. 5, p. 194-203, p2000.
- BEZERRA, V. M. et al. Domínios de atividade física em comunidades quilombolas do sudoeste da Bahia, Brasil: estudo de base populacional. **Cad. Saúde Pública**. v.31, n.6, p. 1213-1224, 2015.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Orientações para a coleta e análise de dados antropométricos em serviços de saúde: Norma Técnica do Sistema de Vigilância Alimentar e**
- CATIB, N. O. M. et. al. Estados emocionais de idosos nas danças circulares. **Motriz**, Rio Claro, v. 14, p. 41-52, jan/mar 2008.
- CONAQ. Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas. **Resiliência Quilombola**. CONAQ, 2010. Disponível em: <http://conaq.org.br/quem-somos/>; Acesso em: 26 Jun. 2019.
- CORDEIRO, F. Y. ALMEIDA, S.S. variáveis antropométricas e fatores de risco cardiovascular associados em quilombolas marajoaras. **Revista Brasileira de Obesidade, Nutrição e Emagrecimento**. v.12. n.71. p.406-415, 2018.
- DIAS, et al. Comparação da aptidão física relacionada à saúde de adultos de diferentes faixas etárias. **Rev. Bras. Cineantropom. Desempenho Hum.** v.10, n.2, p.123-128, 2008.
- FREITAS, D. A. et al. Saúde e comunidades quilombolas: Uma revisão da literatura.
- FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES. **Quilombos ainda existem no Brasil**, novembro 17th, 2008. Disponível em: <http://www.palmares.gov.br/?p=3041> Acesso em: 03 Jun. 2019.
- FURTADO, M. F. SOUSA, R. C. O. Corpo e identidade: A dança na Comunidade
- GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- GOBBI, S.; VILLAR, R.; ZAGO, A.S. **Bases teórico-práticas do condicionamento físico**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.
- IBGE-INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Cidades e estados**, Paquetá-PI, 2016. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/pi/paqueta.html> Acesso em: 27 Jun. 2019.
- IBGE-INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Diversidade religiosa é marca da população brasileira**, publicado: 24/01/2018 19h38, última modificação: 15/02/2018 16h4. Disponível em:
- IBGE-INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa nacional por amostra de domicílios: segurança alimentar 2004/2009**. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística; 2010.
- LAKKA, T. A. et al. Abdominal obesity is associated with accelerated progression of carótida the roscleros is in men. **Atherosclerosis**. v.154, n. 2, p. 497–504, 2001.
- MACHADO, P. A. N. M.; SICHIERI, R. Relação cintura-quadril e fatores de dieta em adultos. **Rev Saúde Pública**. v.36, n.2, p. 198-204, 2002.
- MELO, M F. T.; SILVA, H. P. S. Doenças crônicas e os determinantes sociais da saúde em

comunidades quilombolas do Pará, Amazônia, Brasil. **Revista da ABPN**. v. 7, n. 16, p.168-189, 2015.

MOURA, et al. Aspectos culturais da comunidade quilombola Custaneira-Tronco do município de Paquetá-PI: relato de experiência. **R. Interd.** v. 11, n. 2, p. 102-108, 2018.

PITANGA, F. J. G; LESSA, I. Associação entre indicadores antropométricos de obesidade e risco coronariano em adultos na cidade de Salvador, Bahia, Brasil.

POLLOCK, M. L; WILMORE, J. H. **Exercícios na saúde e na doença: avaliação e prescrição para prevenção e reabilitação**. Rio de Janeiro: Medsi, 1993.

PRANDI, R. As religiões afro-brasileiras e seus seguidores. **Civitas – Revista de Ciências Sociais**, v. 3, n. 1, 2003.

PRATIS, L. A. et al. CARACTERÍSTICAS SOCIOECONÔMICAS E DE SAÚDE DE UM GRUPO DE MULHERES DE UMA COMUNIDADE QUILOMBOLA. **Revenferm**

Quilombola São Judas Tadeu no município de Bujaru/PA.IN. IV SEMINÁRIO NACIONAL CORPO E CULTURA, PA, 2013.

SANTOS, R. M. C. **Cultura afro-brasileira: sua história e suas danças possíveis contribuições do tambor de crioula à educação musical no Maranhão**. 2014. 77f. Monografia (Curso de Música) -Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2014.

SILVA, J. L.; OLIVEIRA, P. R. F. A importância da cultura quilombola para o cariri no século XXI. **Revista Direito & Dialogicidade**. v. 5, n. 1, p. 1-11, 2014.

SOARES, D. A; BARRETO, S. M. Sobrepeso e obesidade abdominal em adultos quilombolas, Bahia, Brasil. **Cad. Saúde Pública**. v.30, n.2, p. 341-354, 2014.

SOUSA, A. J. **Etnicidade e territorialidade na comunidade quilombola Custaneira-Tronco, município de Paquetá – PI, Brasil**. 2015. 454f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, 2015.

VELTEN, A. P. C. et al. Estudo de caso-controle sobre fatores de caso-controle sobre fatores de risco relacionados à hipertensão. **Arq. Cienc. Saúde UNINPAR**, Umuarama, v. 18, n. 2, p. 83-88, 2014.

Vendramini, c.r. qual o futuro das escolas no campo?**Educação em Revista**Belo Horizonte. v.31, n.03, p. 49-69, 2015.

WEINECK, J. **Manual de treinamento esportivo**. São Paulo: Manole, 2000.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Adaptações corporais 182, 188

Adolescentes 1, 2, 3, 5, 6, 7, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 23, 25, 26, 38, 40, 41, 42, 43, 51, 52, 53, 88, 95, 96, 98, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 118, 120, 121, 122, 123, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 139, 140, 141, 142, 143, 145, 147, 262, 264, 265, 270, 272

Aptidão física 39, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 89, 141, 142, 145, 146, 151, 154, 155, 156, 159, 167, 168, 194, 204, 239

Aquathlon 149, 151

Atividade física 2, 3, 5, 6, 8, 9, 10, 11, 14, 25, 26, 41, 42, 43, 51, 52, 53, 55, 67, 140, 141, 145, 146, 147, 149, 151, 152, 158, 164, 165, 166, 167, 171, 173, 178, 180, 181, 186, 187, 188, 194, 196, 198, 199, 201, 202, 204, 205, 206, 207, 210, 211, 212, 213, 216, 217, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 235, 236, 238, 239, 251

Atividade motora adaptada 55

B

Brincadeiras 32, 34, 35, 36, 38, 40, 52, 57, 81, 101, 103, 126, 127, 128, 129, 130, 132, 133, 135, 136, 137, 142, 268

C

Circo 78, 79, 81, 83, 84, 85, 86

Comportamento sedentário 41, 52, 151, 225, 242

Comunidades tradicionais 229

D

Dança 55, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 64, 65, 66, 67, 81, 82, 103, 172, 176, 177, 179, 235, 236, 239

Deficiência visual 55, 56, 57, 58, 67

Desempenho cognitivo 262

Desenvolvimento infantil 26, 72

Desenvolvimento motor 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 26, 32, 36, 37, 38, 52, 53, 88, 93, 95, 141, 146, 147, 151, 247

E

Educação física 2, 3, 5, 6, 8, 9, 10, 11, 14, 16, 23, 24, 25, 26, 28, 29, 30, 31, 34, 35, 36, 37, 38, 41, 42, 43, 44, 48, 53, 55, 57, 58, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 76, 77, 78, 80, 81, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 90, 93, 94, 97, 104, 115, 116, 120, 124, 129, 130, 140, 142, 144, 146, 147, 150, 152, 155, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 175, 177, 178, 179, 180, 181, 188,

204, 206, 210, 228, 232, 241, 242, 243, 245, 247, 248, 251, 261, 263, 265, 266, 267, 268, 271, 273

Educação física escolar 31, 37, 41, 42, 53, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 78, 81, 85, 86, 87, 88, 90, 124, 247, 248, 263, 265, 273

Educação infantil 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 36, 37, 38, 88, 138, 265

Envelhecimento 171, 172, 178, 180, 202, 203, 204, 205, 214, 216, 218, 219, 224, 227, 228, 237, 253, 254, 255, 258, 259, 260

Escolares 1, 5, 10, 14, 23, 24, 26, 27, 39, 40, 41, 43, 44, 45, 47, 51, 52, 53, 80, 265

Esporte de base 96, 98, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 112, 113, 122

Estágio 20, 21, 22, 28, 29, 30, 31, 32, 34, 37, 38, 50, 53

Estudantes 3, 4, 5, 6, 7, 80, 241, 242, 243, 244, 246, 247, 251, 252, 262, 265

Exercício físico 51, 53, 186, 187, 192, 194, 196, 197, 198, 199, 200, 204, 205, 211, 218, 219, 225, 235, 246, 249, 250, 251, 256, 273

F

Funcionalidade 168, 253

G

Ginástica artística 87, 88, 90, 93, 94, 95, 120

H

Hidroginástica 103, 148, 149, 150, 151, 177, 178

I

Idosos 55, 149, 150, 169, 170, 171, 172, 173, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 210, 211, 212, 213, 214, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 227, 228, 238, 239, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 264

Inatividade física 2, 202, 203, 205, 210, 214, 218, 228, 242, 245, 246, 251

Inclusão 4, 19, 26, 38, 42, 55, 64, 66, 70, 96, 99, 100, 104, 112, 114, 123, 124, 142, 151, 176, 195, 205, 219, 225, 243

J

Jogos 2, 32, 34, 35, 36, 38, 40, 42, 52, 57, 65, 73, 74, 80, 81, 101, 103, 126, 127, 128, 129, 130, 132, 133, 135, 136, 137, 139, 141, 142, 161

L

Lutas 42, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 80, 81, 102, 103

M

Manifestações religiosas 230

Maturação sexual 39, 40, 43, 44, 45, 47, 49, 50, 52, 53

Mialgia 192

Militares 153, 154, 155, 156, 158, 159, 160, 161, 163, 165, 166, 167, 168

Mini-tênis 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145

Músculo 12, 184, 253, 255, 256, 257

N

Natação 103, 111, 112, 120, 123, 148, 149, 150, 151, 152

P

Políticas públicas 70, 96, 97, 98, 100, 102, 103, 104, 105, 114, 115, 118, 122, 123, 124, 125, 187

Práticas corporais 58, 77, 78, 103, 251, 265

Processo evolutivo 182, 183, 184, 187

Produções culturais 126, 128, 129, 130, 131, 133, 134, 137

Psicomotricidade 30, 34, 37, 87, 88, 94, 95

Q

Qualidade de vida 2, 26, 53, 67, 149, 151, 152, 153, 155, 165, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 176, 178, 200, 211, 216, 217, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 226, 227, 228, 229, 231, 232, 238, 239, 241, 243, 251, 253, 255, 258, 273

S

Salto vertical 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23

Serviços de saúde escolar 26

Smartphone 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 23

T

Trabalhador 159, 164, 192, 200

Treinamento de força 186, 253, 257, 258, 260, 273

V

Violência 40, 72, 163, 261, 262, 263, 264, 265, 266, 267, 268, 269, 270, 271, 272

 **Atena**
Editora

2 0 2 0